

## O ASPECTO INTENCIONAL NOS DISCURSOS DA MÍDIA: A ORGANIZAÇÃO DA VISADA DE CAPTAÇÃO EM REPORTAGENS

Ana Carolina Carneiro de Sousa (UFPI)  
carolina201641@outlook.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise do modo como se constitui a visada de captação nos discursos da revista *Mátria* (publicação anual da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE), observado-a como uma finalidade da relação contratual vigente entre a revista e o público. Para isso, o trabalho se fundamenta na Teoria Semiolinguística, portanto, em Charaudeau (2001 e 2018), Corrêa-Rosado (2014) e Moura (2012). Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa cujo corpus é composto pelas reportagens “Que tiro foi esse?” e “Contra o racismo, coragem!” presentes na revista *Mátria*, edição de 2018. Os resultados nos possibilitaram identificar dramatizações que possibilitam construir a visada de captação nas reportagens, pois permitiu a observação da intencionalidade de emocionar o público ao serem utilizados imaginários sociodiscursivos sobre violência, feminicídio e racismo no intuito de chamar a atenção da sociedade para problemas atuais que estão ligados diretamente à mulher e ao seu papel na educação. Tais estratégias pretendem sensibilizar o público, havendo a possibilidade de gerar revolta ou contentamento, apresentando-se fatos referentes ao universo discursivo predominante na revista que dá destaque a temáticas femininas.

**Palavras-chave:** Discurso; Revista *Mátria*; Visada de captação.

### 1 INTRODUÇÃO

As instâncias midiáticas circulam pela sociedade exercendo relações de influências ao apresentar manobras de manipulação sobre os sujeitos, como propõe Charaudeau (2018), dispendo sobre estes as ideologias pertencentes àqueles entendidos como sujeitos comunicantes. Isso faz com que as mídias se tornem objeto de estudo, sendo focadas a partir de diversas perspectivas teóricas, dentre elas a Análise do Discurso de linha francesa a qual concebe os sujeitos como idealizadores dos seus dizeres, a Teoria Semiolinguística.

A Teoria Charaudeana concebe o processo de construção discursiva tendo como base um dispositivo de encenação languageira, o ato de linguagem, concebido em sua situação de comunicação regulada por um contrato de comunicação, o qual direciona seus componentes de acordo com os sujeitos, o contexto comunicativo, o

gênero discursivo, etc. Nesta direção compreende-se a existência de um contrato moldado de acordo com as circunstâncias discursivas nas quais os sujeitos aparece, portanto, Charaudeau (2018), tendo em vista a relevância das mídias na sociedade, propõe o contrato de informação midiático, específico para as mídias.

Tal contrato vem sendo explorado como instrumento analítico discursivo em diferentes veículos de comunicação, como mostra os trabalhos de Mello (2013) e De Sousa e De Sousa (2019). Ademais, tendo em vista a caracterização dos gêneros discursivos midiáticos, sobretudo a reportagem, analisada em muitos trabalhos, é possível dizer que este concebe a visada de informação como predominantemente mais evidente do que a visada de captação, como aspecto contratual presente nos discursos.

Diante disso, este trabalho pretende analisar o modo como aparece a visada de captação nos discursos da revista *Mátria*, (publicação anual da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE), demonstrando por meio da análise do gênero reportagem a relevância de tal visada no processo de construção discursiva, sendo apresentada como meio de captar o público. Portanto, têm-se o intuito de apontar as circunstâncias discursivas da revista, e demonstrar como a visada de captação aparece nos discursos, revelando como são feitas as dramatizações ao serem amparadas em imaginários sociodiscursivos presentes na sociedade brasileira.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo, a qual terá um *corpus* de análise composto pelas reportagens “Que tiro foi esse?” e “Contra o racismo, coragem!” retiradas da revista *Mátria*, edição do ano de 2018. A discussão será encaminhada por o viés teórico da Semiologia, embasando-se principalmente em Charaudeau (2018), Corrêa-Rosado (2014), e Moura (2012).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como mencionado, o presente trabalho será delineado com base na Teoria Semiologia, portanto, cabe se fazer uma discussão teórica sobre esta, apresentando suas formulações em torno do Contrato de informação midiático, dando foco à visada de captação.

## 2.1 A Teoria Semiolinguística

A Teoria Semiolinguística (em alguns momentos TS) se constitui com uma das linhas teóricas da Análise Discurso, sendo idealizada pelo linguista francês Patrick Charaudeau na década de 1980. De acordo com as pesquisas realizadas pelo NEPAD<sup>1</sup> e publicadas em Moura *et al* (2015 e 2017), Lopes *et al* (2018), além de artigos diversos também publicados por Moura *et al* (2016a, 2016b, 2016c), esta vertente caracteriza-se primordialmente pelo foco nas manobras de realização discursivas que os sujeitos possuem.

Há nesse sentido, a atuação de sujeitos que possuem intencionalidades, e que durante a atividade de linguagem buscam fazer com que suas intenções sejam supridas ao conseguirem que o dito seja aceito pelo parceiro do ato. Desse modo, “A intencionalidade constitui a principal ferramenta para o funcionamento das instâncias enunciativas tendo em vista que as intenções permeiam tanto aquele que produz quanto aquele que interpreta o ato da linguagem” (MOURA, 2012, p.26), pois o que está sendo compartilhado possui as cargas semânticas de quem produz, mas pode ser aceito ou não, dependendo das vivências e pensamentos ideológicos de quem recebe.

Ademais, cabe destacar a relação que a TS estabelece entre os elementos linguísticos e extralinguísticos, trazendo os sujeitos com uma interseção. Moura (2012, p. 26) enfatiza que

uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica porque se debruça sobre um objeto que só se constitui em uma intertextualidade e é Linguística porque o instrumento do qual se utiliza para analisar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguísticos.

Isso leva à compreensão de que uma discursividade é apreendida a partir da percepção de diferentes semioses provindas da apresentação de uma forma. Compreender os sentidos dispostos no linguístico prevê acionar fatores históricos e sociais, corroborando para a formação das circunstâncias discursivas, referentes aos saberes compartilhados pelos protagonistas do ato languageiro, bem como remetem

---

<sup>1</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso, vinculado à UFPI.

à situação extralinguística, isto é, o contexto de enunciação, conforme Charaudeau (2016).

Desta forma, a TS direciona a análise discursiva para a compreensão dos possíveis interpretativos providos das intencionalidades acionadas em uma atividade linguageira denominada de ato de languageiro. O ato de linguagem pode ser entendido como uma combinação entre o espaço do fazer e o do dizer, sendo este primeiro o espaço onde se encontra a instância situacional, e este segundo o lugar onde está a instância enunciativa (CHARAUDEAU, 2001). Assim, abarca as intencionalidades que os sujeitos apresentam em uma situação de comunicação, assim como, as realizações, ou não, das expectativas geradas.

O ato de linguagem é concebido por Charaudeau (2001) como uma encenação, sendo realizado a partir de projeções de sujeitos psicossociais. Deste modo, tal atividade não ocorre de modo aleatório, ao contrário, é permeada por uma organização linguística e discursiva. Por esta razão, a atividade linguageira depende da presença de sujeitos distintos, os quais atuarão no espaço do fazer e no espaço do dizer.

Têm-se os sujeitos psicossociais interagindo em uma situação de comunicação (EUc e TUi), que é definida como “um quadro físico e mental onde se encontram os parceiros da interação linguageira” (Corrêa-Rosado, 2014, p. 8), tais sujeitos são apontados como atores sociais (CHARAUDEAU, 2001), pois são eles que concretizam, ou não, aquilo que é idealizado nos outros dois sujeitos.

Temos então o outro par, composto por aqueles sujeitos voltados para a organização enunciativa e verbal do que será apresentado (EUe e TUd), estes aparecerão como uma imagem projetada e idealizada. Temos, dessa forma, a representação de quatro sujeitos envolvidos no ato de linguagem, caracterizando-o como uma encenação, que necessita do estabelecimento de um contrato de comunicação para ser regulada.

## 2.2 O contrato de comunicação

A TS enfatiza a existência de uma relação contratual entre os sujeitos envolvidos no ato de linguagem, assim, direciona para a existência de um contrato

de comunicação, o qual se demarca a partir da junção de componentes comunicacionais, psicossociais e intencionais. Diante disso, têm-se a percepção de

A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. Como se estabelecem essas normas? Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las. Assim se constroem as convenções e as normas de comportamentos linguageiros, sem as quais não seria possível a comunicação humana. (CHARAUDEAU, 2018, p. 67)

Toda situação de comunicação é regulada por normas, as atividades linguageiras se dão a partir do funcionamento de contrato. Portanto, é possível perceber que as situações diversas exigem a existência de um contrato específico, tendo em vista isso, Charaudeau (2018) apresenta o contrato de informação midiático, abarcado por dados internos e externos, específico para as mídias. Os dados externos do contrato são direcionados a partir das condições de identidade dos participantes, finalidade, de propósito comunicativo e dispositivo.

Tendo em vista a intencionalidade deste trabalho, cabe destacar a condição de finalidade, a qual será abarcada pelas visadas de informação e captação. Como já destacado anteriormente, a TS percebe a produção discursiva a partir das intencionalidades dos sujeitos, assim, essa condição de finalidade reflete também as intenções das instâncias midiáticas, que para Charaudeau (2018), pode estar voltada para uma finalidade de fazer saber ou fazer sentir, as visadas de informação e captação, respectivamente.

A visada de informação busca levar ao receptor um conhecimento sobre determinado fato ou assunto, segundo Charaudeau (2018), enquanto a visada de captação foca em estratégias capazes de emocionar e sensibilizar o receptor. Para isso, utiliza-se a dramatização, ao se recorrer aos imaginários sociodiscursivos<sup>2</sup> e

---

<sup>2</sup> “A construção dos imaginários relaciona elementos afetivos e racionais nessa simbolização do mundo e das relações que fazem parte deste mundo. São criados e veiculados pelos discursos circulantes na sociedade com uma dupla função: criação dos valores que serão difundidos na sociedade e justificativa das ações de indivíduos e grupos sociais.” (PROCÓPIO, 2008, P.26)

consequentemente às representações sociais<sup>3</sup> que despertam emoções diferentes na sociedade. Tendo em vista, isso desenvolveremos a análise deste trabalho, considerando organização discursiva da Matria no sentido de construção da visada de fazer sentir.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho possui uma abordagem qualitativa e interpretativa, no qual inicialmente se definiu um *corpus* com duas reportagens, retiradas do Vol. 1, n.17 – edição 2018 da revista Matria, disponível no site da CNTE: <http://www.cnte.org.br>. As reportagens são intituladas “Que tiro foi esse?” (doravante R1) e “Contra o racismo, coragem!” (doravante R2).

Após a seleção das reportagens, ocorreu a leitura das mesmas e sem seguida foi realizada a identificação e classificação de trechos considerados como dramatizações, portanto, como formas de construção da visada de captação, assim, teve-se uma análise dos aspectos linguísticos e das circunstâncias discursivas presentes nos textos. Por fim, houve a verificação dos resultados e das conclusões.

As análises e discussões foram delineadas com base, principalmente, no arcabouço teórico desenvolvido por Charaudeau (2016, 2018 e 2001), Corrêa-Rosado (2014) e Moura (2012), portanto, foi pautado na Teoria Semiolinguística. Essa vertente foi proposta por Patrick Charaudeau, idealizador do contrato de informação midiático, que abarca a visada de captação, foco deste trabalho.

### 4 ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.1 A revista Matria e as circunstâncias de discurso

O objeto de estudo desta pesquisa, a revista Matria, é um veículo de comunicação disponibilizado nos modos impresso e online, sendo as duas versões disponibilizadas gratuitamente. A revista é ligada à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), e sua primeira edição foi lançada no ano de

---

<sup>3</sup>“As representações sociais são consideradas como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas por meio das quais se expressam” (PROCÓPIO, 2018, p. 23).

2003. A partir desse ano, sua publicação foi constante com periodicidade anual, chegando a um total de 16 edições. As revistas publicadas apresentam reportagens, entrevistas e artigos nos quais estão informações sobre variadas temáticas do âmbito social.

Considerando-se que a CNTE atua diretamente como sujeito comunicante, é natural que o conteúdo da revista esteja relacionado ao universo da educação. Percebe-se, no entanto, outro direcionamento que aponta para temáticas sobre o mundo feminino. Nossa hipótese sobre tal fenômeno é de que essa postura esteja conectada ao perfil da maioria dos trabalhadores em educação, composta por mulheres. Tal tendência se verifica, ainda, na grande representatividade feminina dentro da equipe editorial. Com isso, a revista *Mátria* está centrada essencialmente em levar informações abarcando os valores relacionados ao ativismo feminista.

A edição que compõe o corpus desta pesquisa é a de número 16, publicada no ano de 2018, disposta em uma versão online e impressa. Esta edição possui 60 páginas, tendo na capa a imagem em preto e branco de um corpo feminino nu, enquadrado da boca até o umbigo. Nos dois braços cruzados aparece a inscrição “Não é não” ao tempo em que cobrem os seios com as duas mãos. A imagem verbo-icônica aciona nossa memória discursiva em torno das diversas campanhas contra o abuso sexual feminino no Brasil. Observemos a imagem.



Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2018/19643-superacao-contr-o-racismo-coragem.html>>

O título colocado na capa “Rompendo o silêncio” reflete um empoderamento das mulheres, que nos últimos tempos intensificaram o posicionamento de não se calarem diante de abusos e assédios. Esta edição da revista coloca em evidência a luta das mulheres contra os abusos sexuais, trazendo uma discussão sobre o aumento de denúncias, que denota um encorajamento das vítimas em se posicionarem sem medo diante de situações como estas.

Foram selecionadas, especificamente, duas reportagens para compor o corpus de análise desta pesquisa. A escolha de tal gênero se deu pelo fato de o mesmo permitir uma maior exploração das intencionalidades da instância de produção (diferente do artigo de opinião, por exemplo). Já a escolha das reportagens, apresentadas a seguir, ocorreu devido as abordagens feitas revelarem com maior ênfase esse aspecto característico da revista em evidenciar o papel feminino na educação. Ao realizarmos essa delimitação, dando foco a uma temática recorrente, poderemos explicitar de forma mais clara as relações contratuais entre a revista e seus leitores. Temos então duas reportagens:

## a) Reportagem 1: “Que tiro foi esse?”



Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2018/19643-superacao-contra-o-racismo-coragem.html>>

A primeira reportagem tem como título “Que tiro foi esse?”, e se encontra das páginas 14 à 19. No visual das páginas desta reportagem pode-se perceber uma alteração significativa quanto às tabelas de cores que são colocadas ao fundo, pois da página 14 até a 17 é usado um fundo escuro com um tom de roxo fechado, já nas últimas três páginas a cor é alterada para o branco. Essa alteração se justifica pelo modo com o qual a reportagem foi conduzida. Inicia tratando de uma tragédia, a história de uma adolescente que foi morta pelo colega, e apresenta dados alarmantes sobre a violência contra as mulheres no Brasil. No final, se volta para uma abordagem em torno de iniciativas tomadas no sentido de mudar essa realidade.

Assim, tem-se uma modificação de um tom sombrio que na representação social pode ser relacionado a fatos ruins, para uma cor clara, que na sociedade é associada à leveza, à pureza e aos bons sentimentos. Ademais, o que aparece na caracterização visual desta reportagem é um desenho que reporta à visualização de uma mulher chorando já que é perceptível uma lágrima. Ao lado dela é colocada a foto da adolescente assassinada (Raphaella), e também as de Dhara Sousa e Olga nova que são entrevistadas na reportagem.

Aparece também a figura de um personagem que foi criado para uma campanha que visa combater a violência contra as mulheres, tendo ele uma aparência que, segundo a descrição feita na reportagem, na sociedade brasileira geralmente se atribui a homens machistas. Gentil, como é chamado o personagem, segura um cartaz em que está escrita a frase “respeita as minas”, que se alinha no sentido de respeito às mulheres.

Na página 17, mostra-se um desenho de uma jovem negra rodeada de flores, tendo do lado a frase “mulheres inspiradoras”. O texto cita episódios em que meninas negras conseguiram superar a prática de bullying sofrida nas escolas. Outra foto apresenta um grupo de pesquisadores da UNB junto com Juliana Vieira e Gina Dias, que foram entrevistadas. Vale ressaltar a relação do título colocado com uma música funk que acabou se tornando sucesso em todo Brasil, gerando inclusive brincadeiras nas redes sociais.

De modo geral, a reportagem utiliza o exemplo da menina assassinada pelo colega para, a partir disso, tratar da violência praticada contra as mulheres em

diferentes espaços da sociedade, inclusive nos virtuais. Em seguida, são colocados exemplos de atitudes que se tornam uma alternativa de mudar esse quadro, mostrando, assim, que na escola é possível alterar o comportamento violento e de superioridade adotado por muitos homens.

## b) Reportagem 2: “Contra o racismo, coragem!”



### Contra o racismo, coragem!

**E**m um país onde a maioria é tratada como minoria, os obstáculos de pardos e negros, numericamente majoritários nas estatísticas populacionais, se mostram recorrentes. No entanto, as mulheres negras enfrentam as barreiras com militância ativa e ocupam lugar de destaque na sociedade. A Lei nº 7.712/1989, que estabelece o racismo como crime e a de Cotas, Lei nº 12.711/2012, têm contribuído para o aumento do número de denúncias e o empoderamento feminino.

A grande questão que se põe hoje é que o racismo no Brasil é tão cruel que estabelece um lugar de minoria aos negros. E nós não somos minoria, quantitativamente, mas minoria do ponto de vista econômico”, lamenta Cristiane Sobral, atriz, escritora e poeta.

Cristiane foi a primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília (UnB) em 1998. “Numa época em que não existiam as cotas”, lembra. Filha de pais adotivos, nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para a capital do país aos onze anos de idade.

Vinte anos depois, a UnB é a universidade com mais estudantes negros do que brancos. O número de alunos que se declararam negros e pardos, de acordo com levantamento feito pelo Observatório da Vida Estudantil da própria UnB, responde por 50,6% dos matriculados no segundo semestre de 2017. Desde 2003, a universidade adota o sistema. Foi a primeira instituição pública de ensino superior do país a reservar vagas para negros. Em contrapartida, o número de professores negros na UnB ainda é minoria, não ultrapassa os 2% do corpo docente.

As populações parda e negra têm participação nas várias esferas sociais e econômicas, e alcançam espaços mais altos a passos lentos. Apesar da morosidade que a sociedade impõe, os avanços acontecem. “Se hoje colhemos alguns frutos, somos o resultado do movimento negro, de 1978. Frutos de uma militância que plantou tudo que colhemos hoje”, reconhece Cristiane.

Basilisa Rodrigues, repórter há dez anos da rádio CBN, concorda que há espaços conquistados pelos negros e relembra a época em que entrou para a profissão. Na ocasião conta, o pai a aconselhou a fazer concurso público para que tivesse

MARÇO DE 2018 | MÁTRIA | 25

Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2018/19643-superacao-contra-o-racismo-coragem.html>>

A segunda reportagem tem como título: “Contra o racismo, coragem!”. Ocupando o espaço entre as páginas 28 e 32 da revista, tem na caracterização visual da primeira página da reportagem (p.28), o uso do colorido, e o desenho de uma mulher negra em uma postura que demonstra força e empoderamento. Ao colocar a representação de uma mulher negra com a cabeça inclinada para cima, demonstra-se altivez, revelando uma harmonia com o título da reportagem. Além disso, ao lado dessa imagem são coladas leis voltadas para a proteção e garantia dos direitos dos negros no Brasil, fato que complementa a imagem apresentada, já que essas leis acabam fortalecendo as pessoas que sofrem preconceito desse tipo.

No decorrer da reportagem, são dispostas fotos das mulheres que serão protagonistas nela, além de gráficos que demonstram pesquisas referentes à situação dos negros no Brasil. A reportagem se desenrola em torno dos relatos de práticas racistas realizadas contra mulheres negras, mostrando a superação

exercida pelas mesmas. Mostra que a educação aparece como uma forma de ascensão social, mesmo com as dificuldades e preconceitos que a sociedade brasileira impõe.

Essa representação de mulheres negras evidencia o posicionamento da revista em apoio aos conflitos impostos às mulheres, pois a reportagem possui uma temática central no racismo o que dá margem para uma possível exploração da figura de um homem negro, mas a revista opta por falar sobre mulheres. Há também a relação com o debate sobre a educação, ao falar sobre a formação das personagens tratadas na reportagem, assim como as políticas educacionais para negros no Brasil. Com isso, é feita uma relação entre o racismo sofrido por mulheres negras, e o papel da educação na vida delas, trazendo esses dois aspectos simultaneamente.

Temos assim, a caracterização do nosso objeto de estudo, a Revista *Mátria*, juntamente com a apresentação das circunstâncias de discurso nas quais ela e as reportagens aqui apresentadas estão contidas. Caracterização esta que aponta a revista em questão como tendo um comprometimento com a participação da mulher na sociedade e com a educação, passando a viabilizar a disseminação de discursos que vão neste sentido.

## 4.2 A visada de captação nas reportagens

De antemão é possível dizer que a visada de captação está presente nas duas reportagens para tentar seduzir o público leitor, buscando sensibilizá-lo. Temos, assim, uma dramatização em torno dos temas tratados nas reportagens, trazendo relatos e fazendo reconstituições de situações relacionadas à violência (R1) e ao racismo (R2). Têm-se uma representação de imaginários discursivos que são disseminados socialmente como algo capaz de sensibilizar, fazendo apelos emocionais representados em “dramatizações”.

### 4.2.1 A Dramatização na R1

Na R1 a dramatização se dá no sentido de alcançar diferentes sentimentos do leitor, principalmente a sensação de indignação pois, ao tratar da violência, se volta

para um ponto de discussão que socialmente já desperta esse tipo de sentimento. Assim, percebemos a dramatização quando a instância de produção fala sobre o assassinato da adolescente Raphaella, dispondo:

“Nessa história não foi um, mas onze tiros” (MAIA, 2018, p. 15), e  
“Raphaella foi mais uma jovem que, assediada recusou as tentativas de aproximação do assassino.” (MAIA, 2018, p. 15).

Tem-se uma dramatização em torno da violência sofrida por uma adolescente, resultando na sua morte, isso implica em tentar captar o leitor com um fato de certa forma corriqueiro, mas capaz de despertar indignação na grande maioria da população, pois além ser um caso de feminicídio, é um feminicídio concretizado dentro do ambiente escolar, local onde a adolescente deveria estar protegida. A dramatização na R1 é feita ainda, em torno da agressão sofrida por uma professora, pois este é um acontecimento que pode despertar nos leitores um sentimento de aversão à situação e, ao mesmo tempo, de compadecimento com professores vítimas de circunstâncias como essa. Verificou-se os trechos:

1: uma professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ficou ferida após ser agredida por um aluno de 18 anos. O jovem arremessou uma cadeira contra a mulher, ao ser notificado de uma suspensão. (MAIA, 2018, p. 15)

2: A professora, que dá aulas de Matemática e Ciências, teve ferimentos no braço e no tórax. (MAIA, 2018, p. 15).

As descrições feitas nos dois trechos revelam o grau de agressividade da violência sofrida pela professora, sendo capazes de chocar as pessoas que lerem as informações. Outra dramatização da R1 capaz de despertar um incômodo nos leitores está em torno de uma música funk, “Só Surubinha de leve”, ao notar esta como uma maneira de reforçar a ideia de objetificação da mulher. Isso é destacado no seguinte fragmento:

o funk “Só Surubinha de Leve”, de autoria do Mc Diguinho, trouxe o verso “Taca bebida, depois taca pica e abandona na rua”. Considerada uma apologia ao estupro, a música sofreu forte rejeição do público, sobretudo de feministas”. (MAIA, 2018, p. 16).

O fato mencionado no trecho acima se torna mais um ponto de dramatização causador de insatisfação, principalmente no destinatário-alvo da revista, composto essencialmente por mulheres, e pessoas engajadas com os movimentos feministas.

#### 4.2.2 A Dramatização na R2

A dramatização da R2 aparece no mesmo nível da R1. A tentativa de captação se dá com a exploração de situações racistas e das dificuldades enfrentadas por pessoas negras no Brasil, sobretudo as mulheres negras, tem-se assim relatos feitos por mulheres que conseguiram passar por diversas problemáticas sociais e ascender socialmente. Por isso, aponta-se como uma forma de dramatização da informação, relatos como estes:

1: Filha de pais adotivos, nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para a capital do país aos onze anos de idade. (MAIA, 2018, p. 29)

2: Eu não poderia, na concepção de vida dele, investir em sonhos mais altos. Sonhe, moderadamente, porque você é negra, lembra-se do que dizia. (MAIA, 2018, p.30)

3: Diretamente por conta da pirâmide social, a mulher negra, desde a época da escravidão, foi obrigada a cuidar dos filhos da banca". (MAIA, 2018, p.30).

Nos três relatos temos uma dramatização em torno dos dilemas sofridos pelas mulheres negras, remetendo a ideias que socialmente trazem uma reflexão emotiva em torno das desigualdades sociais. Há por outro lado uma dramatização na direção de mostrar a superação dessas mulheres, despertando uma sensação de contentamento. Encontramos, então, um relato de Kenia no qual ela se coloca como uma contradição na sociedade brasileira, pois conseguiu desviar de todas as designações pelas quais deveria passar enquanto mulher negra:

Eu sou uma negra fracassada. Não sou prostituta, não casei e tive cinco filhos, não cumpro o que estava programado para mim (MAIA, 2018, p.32)

Para além disso, a dramatização aparece nos relatos abordando situações racistas pelas quais uma das entrevistadas passou, trazendo uma indignação. Vemos isto em:

1. Ele respondeu com uma frase machista, misógina e antiética: “para você, só se for de corpo inteiro”. (MAIA, 2018, p.31)
2. “Cheguei em casa com a frase latejando em minha cabeça e não aguentei. Escrevi um texto sobre a idiotice”. (MAIA, 2018, p.31).

Os dois excertos acima dramatizam com a situação vivida por Basília, tal situação mostra uma visão reducionista das mulheres, além de levar à uma linha de assédio sexual. O ponto 2, em específico, denota uma sensação de drama para o fato, indicando um abatimento momentâneo de Basília, que logo depois reagiu escrevendo um texto nas redes sociais. Vemos a exploração de exemplos de situações racistas também no trecho:

Escreveu: “pelo o que eu entendi, um suposto assédio moral, porque me acusar de assédio sexual, vocês podem ver pelas fotos que não tem a menor condição, já que está a mil por cento fora dos padrões estéticos idealizados, desejados por um homem e uma mulher”. (MAIA, 2018, p. 31)

No trecho acima, dramatiza-se a atitude do deputado Wladimir, no sentido de chocar o público com a maneira com que ele lida com o ocorrido. Nota-se, assim, que a visada de captação apareceu nas três reportagens analisadas, sendo realizada por meio da dramatização.

## 5 RESULTADOS OBTIDOS

Diante dos aspectos detalhados consideramos que as reportagens (R1 e R2) apresentam mecanismos linguísticos e discursivos que levam à presença da visada de captação, aparente nas duas reportagens. Ela é construída, por meio de dramatizações focadas principalmente na tentativa de captar o público alvo da revista, por tocar em aspectos emocionais que geralmente os causariam um sentimento de indignação, e em outros momentos de satisfação.

Ademais, vale destacar no processo de construção da dramatização e, por conseguinte, da visada de captação, que na tentativa de captar o leitor foram usadas narrativas as quais podem evocar emoções delineadas em um mesmo sentido nas três reportagens. Com as informações dispostas nelas o leitor pode sentir tristeza

com os casos relatados, ou um contentamento com os resultados das iniciativas tomadas para aliviar as problemáticas destacadas nas temáticas abordadas. Mas a dramatização nas reportagens gira em torno, principalmente, de provocar uma indignação e descontentamento com a realidade apresentada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mídias se apresentam como veículos de forte penetração na sociedade brasileira, o que possibilita uma análise discursiva ampla, seguindo os pressupostos da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Diante desse fato, o presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise da visada de captação nos discursos da revista *Mátria*, observando-a como parte da relação contratual entre a revista e o público. Dessa maneira, o intuito deste estudo se desdobrou em torno de apontar as Circunstâncias discursivas nas quais a revista se encontra, e mostrar as dramatizações construídas nos discursos da revista.

Com base no que foi discutido, pode-se dizer que, no sentido da finalidade contratual, foi possível observar a presença da visada de captação. dramatizações, na busca por emocionar, tentaram provocar principalmente o sentimento de indignação. O estudo permitiu a observação da intencionalidade de emocionar o público ao serem utilizadas representações presentes no imaginário social sobre violência contra a mulher e racismo, no intuito de chamar a atenção da sociedade para problemas atuais que estão à mulher e ao papel da educação quanto a isso. Tais estratégias pretendem sensibilizar o público, havendo a possibilidade de gerar revolta, apresentando-se fatos referentes ao universo discursivo predominante na revista que dá destaque a temáticas femininas.

Apesar dos textos jornalísticos, neste caso a reportagem, possuírem uma construção baseada preferencialmente numa ênfase da visada de informação, com este trabalho mostramos que também é necessário construir um discurso com o uso de dramatizações, como meio de aproximação com o público, par assim cativá-los. Nesse sentido, essa edição analisada busca denotar estratégias de sensibilização denotando a educação como uma forma de resolver problemáticas discutidas pelo feminismo.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização; [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado]. – 2. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem**. In: MARI, Hugo; Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. tradução Angela M. S. Corrêa. 2. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. **Teoria Semiolinguística**: alguns pressupostos. Revista Memento v. 05, n 02, 2014. Disponível em: <[http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826/pdf\\_44](http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826/pdf_44)>. Acesso em 13 de junho de 2020.

DE SOUSA, Jaqueline Salviano; DE SOUSA, Ana Carolina Carneiro. **O universo feminino na educação**: uma análise semiolinguística nos discursos da revista Matria. Revista Form@ re-Parfor/UFPI, v. 7, n. 1, 2019.

LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de (Org.). **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de palavra, 2018.

MAIA, Katia. Superação: contra o racismo, coragem. **Revista Matria**. Edição 2018. Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2018/19643-superacao-contra-o-racismo-coragem.html>>. Acesso em 13 jan. 2020.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí**: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-974H6D>. Acesso em 20 jan. 2019

\_\_\_\_\_. BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

\_\_\_\_\_. LIMA, Francisco Renato; BORGES, Vanessa Raquel Soares. O jogo de imagens na constituição dos sujeitos discursivos: uma abordagem ideológica e sociopolítica em cartuns. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 250-268, 2016a. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19946572-O-jogo-de-imagens-na-constituicao-dos-sujeitos-discursivos-uma-abordagem-ideologica-e-sociopolitica-em-cartuns.html> Acesso em 15.05.2019.

\_\_\_\_\_. CARVALHO, André de Moura. O jornal na sala de aula: discursos que constroem e destroem imagens na imprensa piauiense. **Revista Form@re**, v. 4, p. 3-28, 2016b. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/5617> Acesso em 15.02.2019.

\_\_\_\_\_.; MAGALHAES, Jonnia Maria Aguiar; VIEIRA, José Magno de Sousa. Os EU(s) e seus outros: os sujeitos da linguagem estabelecidos na interligação semiolinguística EUc/TUi no filme *Bicho de sete cabeças*. **Percursos Linguísticos**, v. 6, p. 37-50, 2016c. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/13690> Acesso em 15.02.2019.

\_\_\_\_\_. BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Marais (Org.). **Sentidos em disputa**: discursos em funcionamento. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3UnpkbjQj5xsuXK0zYf/view> Acesso em 15.02.2019.

MELLO, Shirlei Maria Freitas de. O discurso informativo midiático impresso e a imbricação dos discursos informativo, propagandístico e publicitário. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2013.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-7PFPR4>. Acesso em 20 jan. 2019